



A importância do acesso a recursos financeiros para mulheres empreendedoras

por Dra. Anna-Katharina Lenz, Vinicius Alves e Thays Marques

As mulheres empreendedoras no Brasil têm menos acesso a recursos financeiros do que os homens. Isso se alinha com os desafios mundiais sob os quais as mulheres empreendedoras operam. Por exemplo, uma pesquisa do Instituto Rede Mulher Empreendedora (2021) mostra que 42% das mulheres empreendedoras participantes que se candidataram ao crédito tiveram suas candidaturas negadas. Na América Latina e no Caribe, o Brasil tem a maior lacuna de crédito, com 55% das empresas lideradas por mulheres apontando o acesso ao financiamento como uma grande restrição na operação e crescimento de seus negócios, enquanto este número é de 43% para as empresas lideradas por homens (World Bank-IFC Enterprise Surveys, 2009).

A dificuldade em obter recursos atravessa todos os setores demográficos. Por exemplo, os recursos financeiros insuficientes estão igualmente presentes nos setores de tecnologia e inovação, embora as empresárias nesta esfera tenham uma formação acadêmica mais desenvolvida e pertençam a um grupo social mais elevado (Jonathan, 2003). Dados de um estudo conjunto com o Distrito, B2mamy e Endeavor (2021), mostram, por exemplo, que as mulheres não só representam uma minoria na área de tecnologia e inovação, mas que as mulheres que trabalham neste setor têm grande dificuldade em obter recursos para investimentos. A pesquisa mostrou que apenas 4,7% das startups no ecossistema nacional foram fundadas por mulheres, e que as startups lideradas exclusivamente por mulheres receberam apenas 0,04% dos mais de 3,5 bilhões de dólares que contribuíram para o mercado em 2020. Este problema não é novo. Por exemplo, em um estudo sobre mulheres no setor de alta tecnologia, Jonathan (2003), argumentou que há um prejuízo para o desenvolvimento de empresas dirigidas por mulheres devido à dificuldade de levantar fundos de instituições financeiras e à falta de capital de risco.

A falta de recursos tem um grande impacto sobre a sobrevivência de start-ups lideradas por mulheres. Como desafio geral, as start-ups têm que passar pela fase conhecida como "vale da morte". Este período refere-se à dificuldade de cobrir o fluxo de caixa negativo nas fases

iniciais de uma startup, antes que seu novo produto ou serviço esteja trazendo receita de clientes reais. Nesta fase, há um alto risco de mortalidade, pois os recursos financeiros estão abaixo do que é necessário para permitir a rápida expansão do negócio. Como as empreendedoras têm menos acesso a recursos, é mais provável que seus negócios morram durante este período do que os dos homens (Distrito, B2mamy e Endeavor, 2021).

Várias instituições têm focado em vincular seus programas de treinamento para mulheres empreendedoras ao acesso ao capital financeiro. Em 2019, a Microsoft Participações em parceria com o Sebrae Nacional e M8 Partners, em associação com a Bertha Capital, criou a iniciativa Empreendedorismo Feminino (WE) no Brasil. A iniciativa visa incentivar o empreendedorismo feminino no país por meio de cursos de treinamento e investimentos para startups que tenham pelo menos uma mulher em posição de liderança e com uma participação mínima de 20%. Os investimentos nas startups variam de acordo com os dois ambientes do projeto WE. O primeiro é o Fundo WE Ventures, que fornece às startups o capital inicial a partir de R\$ 1 milhão. Em 2020, seu primeiro ano de criação, o fundo alcançou R\$ 47 milhões captados. O segundo ambiente é representado por WE Impact, uma das empresas que foram impactadas pela iniciativa Women Entrepreneurship (WE), e um de seus casos de sucesso. Através de seu programa de desenvolvimento inicial, WE Impact não só oferece educação empresarial, mas também faz investimentos de capital estratégico, investindo entre R\$50.000 e R\$500.000. WE Impact é a primeira construtora de empreendimentos - organização que atua sistematicamente no desenvolvimento de outras empresas inovadoras e de base tecnológica - dedicada a mulheres líderes de startups, ajudando-as a melhorar suas soluções e a alcançar o próximo estágio de desenvolvimento. Desde sua fundação em 2019, mais de US\$ 1 milhão foi investido em empreendedorismo tecnológico feminino, impactando a vida de mais de 100 mulheres.

Outra instituição importante no tema de recursos financeiros é o Fundo Elas. Lançado em 2000, o Fundo Elas é um fundo de investimento social brasileiro independente focado exclusivamente na promoção do protagonismo da mulher. Através de concursos anuais ou bianuais de projetos, a iniciativa investe em diversas áreas como: prevenção da violência contra as mulheres, promoção da equidade étnica e racial, aumento do acesso à cultura, comunicação, arte e esportes, e promoção da autonomia econômica das mulheres, do empreendedorismo e do fim da pobreza. Desde seu lançamento, o Fundo Elas já apoiou mais de 400 projetos de grupos de mulheres em todas as regiões brasileiras. Além de apoiar financeiramente os grupos, a organização trabalha junto aos membros, oferecendo treinamento e seminários, e monitorando suas atividades para maximizar os resultados.

Um dos projetos apoiados pelo Fundo Elas foi o grupo Fuxicarte, da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O grupo é formado por mulheres especialistas em artesanato fuxico, que é uma técnica de costura que compõe vários pequenos feixes de roupas dando origem a diferentes flores, esta é uma forma criativa de compor peças de moda e decoração de interiores. Durante três anos, o grupo Fuxicarte recebeu apoio do Fundo Elas, totalizando um

valor de R\$12.500,00. Com estes recursos, o grupo ampliou as atividades de costura, bordado e fuxico que já haviam começado a desenvolver.

Lista de referências

Female Founders Report, Distrito, B2mamy e Endeavor, (2021). Liderança Feminina e Empreendimentos no Ecosistema Brasileiro de Inovação. Disponível em: <https://materiais.distrito.me/mr/female-founders-report>. Acesso em: 29.04.2022

IRME (2021). Mulheres Empreendedoras. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/24675/1635449371Pesquisa_IRME_2021.pdf. Acesso em: 24.02.2022.

Jonathan, E. G. (2003). Empreendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro: dificuldades e tendências. In: EGEPE – Encontro de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. Brasília. DF: EGEPE,UEM/ UEL/UnB

World Bank-IFC Enterprise Surveys, (2009). Disponível em: <https://www.enterprisesurveys.org/en/data/exploreconomies/2009/brazil#finance>. Acesso em: 16.05.2022

Os autores fazem parte do NUME (Núcleo de Estudos sobre Microempreendedorismo), um centro de pesquisa dedicado ao entendimento e capacitação do microempreendedorismo no Brasil. O objetivo do Centro é desenvolver pesquisas acadêmicas e aplicadas para a construção de conhecimento e tecnologia para microempreendedores. O empreendedorismo feminino é um dos principais tópicos de pesquisa do núcleo. Mais informações sobre o NUME podem ser encontradas aqui:

<https://iag.puc-rio.br/pt/nume-2/>

<https://www.linkedin.com/in/nume/>